

A PREFIXAÇÃO NA TRADIÇÃO GRAMATICAL PORTUGUESA

PREFIXATION IN PORTUGUESE GRAMMATICOGRAPHIC TRADITION

Graça Rio-Torto
Universidade de Coimbra
gracart@gmail.com

RESUMO:

O objetivo deste estudo consiste em rastrear o modo como a prefixação tem sido analisada na tradição gramatical portuguesa. Para tal, são consideradas gramáticas de referência, brasileiras e portuguesas, desde J. Soares Barbosa (1822) a Said Ali (1931), por forma a observar os fundamentos teóricos e os resultados da sua aplicação ao universo da prefixação da língua portuguesa. Sendo a prefixação um espaço de fronteira entre a derivação e a composição, os estudos escrutinados refletem esse contínuo. Analisam-se em particular as unidades morfolexicais cujo tratamento oscila entre a prefixação e a composição, e comentam-se criticamente os argumentos aduzidos em vista a uma optimização da sua percepção por parte das gramáticas contemporâneas. Após a introdução, o artigo estrutura-se em duas grandes secções: a prefixação como subclasse da composição e a prefixação como subclasse da derivação. Uma secção final analisa criticamente as perspectivas compulsadas e bem assim as modernas tendências de tratamento da prefixação na literatura gramatical contemporânea brasileira e portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de Palavras. Prefixação. Composição. Gramaticografia do Português. Teoria Morfológica.

ABSTRACT:

This study aims to highlight how prefixation has been parsed in Portuguese grammaticographic tradition. Some Brazilian and Portuguese reference grammars (J. Soares Barbosa (1822), Vasconceloz 1900, Nunes 1919, C. Michaëlis de Vasconcelos s/d (1916), Said Ali (1931)) have been selected, in order to observe their theoretical approach to the prefixation of the Portuguese Language. As prefixation is in a border space between derivation and composition, the studies scrutinized reflect that continuum. This paper examines the morpholexical units whose treatment fluctuates between prefixation and composition, and comments critically the arguments adduced in order to optimize your perception on the part of contemporary grammars. After the introduction, the article is structured into two main sections: the prefixation as a subclass of composition and the prefixation as a subclass of derivation. A third section is devoted to the analysis of prefixation in contemporary reference grammars and the final section presents a critical discussion of the overview provided by the studies under analysis as well as the conclusions.

KEYWORDS: Prefixation. Lexical composition. Portuguese grammaticographic tradition. Morphological theory

Introdução

As fronteiras entre prefixação e composição são desde há muito um tema de grande controvérsia entre os especialistas.

A prefixação é presentemente considerada um sector da formação de palavras diferente da composição, mas com fortes pontos de contacto com esta (Lieber; Štekauer 2009; Gonçalves 2011, Rio-Torto 2014).

O estudo que aqui se empreende visa dar a conhecer o modo como em gramáticas de referência do português a prefixação tem sido encarada, de modo a melhor percebermos os fundamentos teóricos e históricos da sua atual percepção por parte da teoria gramatical contemporânea. A selecção das obras analisadas (Barbosa 1822, Vasconceloz 1900, Nunes 1919, C. Michaëlis de Vasconcelos s/d (1916) e Manuel Said Ali 1931) assenta essencialmente em dois critérios que se entrecruzam: a sua relevância e representatividade quer teórica quer descritiva, pois trata-se de obras de referência da tradição gramatical portuguesa e inequivocamente representativas das concepções epocais em que foram produzidas; o seu contributo maior para o conhecimento atual do

domínio prefixal da língua portuguesa. O cotejo com as gramáticas de Cunha/Cintra (1984), de Bechara (2004) e com as bases do Acordo Ortográfico de 1990 revela até que ponto estes textos são largamente tributários da reflexão operada pela tradição gramatical portuguesa aqui escrutinada.

O quadro teórico que serve de suporte a este estudo é o da morfologia lexicalista e construcional, tal como tem sido aplicado ao português por Alves 2000, Gonçalves 2011, Rio-Torto 1998, Rio-Torto et al. 2013 e pelas equipas que estes estudiosos lideram. Não obstante as particularidades do pensamento destes autores, os seus trabalhos têm em comum uma concepção em que derivação e composição são domínios diferentes, mas contíguos, e bem assim uma concepção da gramática genolexical da língua em que os operadores são portadores de sentidos, uns mais prototípicos que outros, organizados em redes funcionais e conceptuais.

No que diz respeito aos prefixos da língua portuguesa, estes têm origem maioritariamente em (i) prefixos latinos (ad-, in-, re-), em (ii) preposições latinas (ad, ante, contra, cum, in, trans) e em (iii) advérbios (bene, male, minus) também latinos. Na língua-mãe (cf. ante, contra), como na portuguesa (*ante*, *contra*), uma mesma forma pode ter valor prefixal (*ante-câmara*, *contraproposta*) ou preposicional (*ante o acontecido*, *contra o parecer do legislador...*), mas a forma não faz (nem se confunde com) a função: a preposição *com* (cf. alinhar *com* alguém, pactuar *com* x, viver *com* x) não equivale funcionalmente ao prefixo *com-* em *compatriota*, *compactuar*, *consorte*.

Num estudo cujo *corpus* é constituído por gramáticas históricas, Caetano, 2003, p.83 sustenta que «Na maioria das gramáticas históricas, a prefixação é predominantemente um tipo de composição [...] esta opção teórica [...] não está relacionada com uma questão de época, nem com o modelo seguido (neogramático ou estruturalista)»

O quadro seguinte sintetiza alguns dos nomes de gramático/s cujas concepções sustentam esta tese da autora.

Tabela 1. Prefixação **dentro e fora** da composição

Prefixação incluída dentro da composição	Prefixação dentro da derivação
Theofilo Braga (1876), Carl von Reinhardstoettner (1878), Manuel Pacheco da Silva Jr. (1878), Manuel Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade (1887), António R. Vasconcellos (1900), Eduardo C. Pereira (1916), José J. Nunes ([1919] 1899), Francisco M. Sequeira (1938a e 1938b), Ismael Coutinho (1938), Carolina Michaëlis de Vasconcellos (s.d.), Mattoso Câmara Jr. (1975)	Othoniel Mota (1916), Brandt Horta (1930?), Manuel Said Ali (1931), Joseph Huber (1933), Jaime de Sousa Martins (1937)

A ideia de que os prefixos são dotados de maior autonomia, nomeadamente face aos sufixos, perpassa pela literatura que a ambos se dedica. Mas, como é sabido, a autonomia dos prefixos é relativa e, quando muito, acentual, não sintática.

Os prefixos originam-se maioritariamente em preposições e advérbios. Mas não é por isso que os prefixos da língua contemporânea possuem autonomia sintáctica. Os sufixos são sistematicamente formas presas. Os prefixos não são formas autónomas, ou necessariamente dotadas de maior autonomia que os sufixos (veja-se *des-*, *in-*, *hipo-*, *hiper-*, etc.), mas presas. As preposições que estão na sua base, essas sim, podem funcionar com maior autonomia. As preposições são articuladores intrassintagmáticos, são regidas por um termo subordinante, pelo que, no limite, não são sintacticamente livres. Algumas preposições são acentualmente autónomas, outras não.

Se observarmos as 16 ‘verdadeiras’ preposições que Barbosa, 1822 elenca, verificamos que há preposições com e sem independência acentual. O quadro seguinte visualiza umas e outras.

Tabela 2. Prefixos (em Barbosa, 1822) com e sem independência acentual

Com independência acentual	Sem independência acentual
ante, apoz, até, contra, desde, entre, para, sobre	a, com, de, em, per, por, sem, sob

Se tivermos em conta a lista de prefixos de Vasconcellos, 1900, verificamos que todos os monossilábicos não constituem domínio acentual, e o inverso se verifica para os dissilábicos.

Tabela 3. Prefixos que entram em compostos (Vasconceloz, 1900)

[-constituem domínio acentual]	[+constituem domínio acentual]
A-, Con-, De-, Des-, Em-, Es- ou ex-, In- ou i-, Pre-, Re-, Sub-, so-, so-	Ante-, Anti-, Circum-, Contra, Entre-, Extra-, Sobre, Soto-, Ultra-

1. A prefixação como subclasse da composição.

1.1 Compostos pluriverbais e compostos por prefixação em Jerónimo Soares Barbosa (1822)

Jerónimo Soares Barbosa, na *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*, distingue dois processos de formação de palavras: a composição e a derivação. O autor tem uma visão bastante clara da missão da composição e da derivação: «a declinação, composição, e derivação dos vocabulos não se faz senão para concentrar em huma palavra com sua idea principal outras accessorias (...)» (BARBOSA, 1822, p.311).

Os ‘nomes substantivos’ podem ser de três tipos:

(i) primitivos : *terra, mar*

(ii) Derivados (os «que nascem dos primitivos» (BARBOSA, 1822, p.119): *Terrestre, Terráqueo, de terra (...)*). **Subclasses de derivados**: *Augmentativos, Diminutivos, Collectivos, Verbaes*.

(iii) Compostos: os nomes «são os que se compõem de duas, ou tres palavras Portuguezas, ou inteiras, ou alteradas com alguma mudança» (BARBOSA, 1822, p.122)

Os compostos com que exemplifica o seu pensamento são constituídos por VN, VAdv, VV, NN (usamos N como equivalente a substantivo). No conjunto dos compostos também J. Soares Barbosa inclui (i) palavras aglutinadas, como *fidalgo*, que eliminámos por estar totalmente lexicalizada, (ii) palavras portadoras de prefixos, como *antemanhã, contramestre, semrazão*. O quadro seguinte sistematiza as possibilidades elencadas pelo autor.

Tabela 4. Esquemas de composição segundo Barbosa (1822) e sua equivalência na LPC: Língua Portuguesa contemporânea (RIO-TORTO; RIBEIRO 2012)

Esquemas de composição segundo Barbosa (1822)		Classes na LPC
Dois substantivos	<i>Pontapé¹, mestresala, nortesul, varapau, usufruto</i>	NN
Substantivo e adjetivo	<i>Boquirrôto, Cantochão, lugartenente, malfeitor, manirroto</i>	NA
Adjetivo e substantivo	<i>Altibaixo</i>	AA ²
Verbo e nome	<i>Baixamar, Beijamão, botafogo, catasol, esfolagato, fíncapê, passatempo, pintarroxo, sacabuxa, sacatrapo, talhamar, torcicollo, gyrasol, valhacouto</i>	VN
Verbo e advérbio	<i>Passavante, Puxavante</i>	V Adv.
Dois verbos	<i>Corrimaça, ganhaperde, mordefuge, vaivem</i>	VV
Preposição e nome	<i>Antemanhã, contramestre, contra tempo, entrecasco, parabem, parapeito, semrazão, sobresalto, traspé</i>	Pref. N
Compostos de três palavras ³	<i>Capaemcollo malmequer</i>	NPrep.N
		N Pronome V

Para este autor, os prefixos são encarados como preposições, e o processo em que operam é o da composição.

A caracterização que o autor faz das unidades a que hoje em dia chamaríamos de prefixos (assinalados com fundo cinzento no quadro acima) é coerente com a que faz das preposições. Estas são encaradas como «palavras

1 *Pontapé* poderia ser incluído na classe dos compostos resultantes de dessintagmação.

2 Não é claro que *altibaixo* seja uma adjunção de adjetivo e substantivo, parecendo mais um caso da AA. O nome *centopea*, que o autor insere nesta classe, não deve nela figurar, por ser um cultismo.

3 No conjunto dos compostos de três palavras, poder-se-iam considerar duas subclasses: a que envolve uma preposição (*capaemcollo*), e a que envolve um pronome (*malmequer*). Em todo o caso, pelo menos neste caso, o todo encontra-se já totalmente lexicalizado, não sendo mais percebido como um composto. Também *ventapoupa* (*vent'apoppa* e atualmente *de vento em popa*) não é mais um composto do português.

curtas e monosyllabas (BARBOSA, 1822, p.311), indeclináveis, simples, não compostas, primitivas, não derivadas, e funcionando como unidades de articulação interlexical («Preposição he huma parte conjunctiva da oração, que posta entre duas palavras indica a relação de complemento, que a segunda tem para a primeira. (...)» (BARBOSA, 1822, p.310), servindo assim o propósito de compactar em uma só unidade lexical várias palavras.

Ora, se bem se depreende, a preposição é um constituinte de articulação entre duas palavras, o mesmo não acontecendo com o modo como que presentemente são concebidos os prefixos, que não articulam duas palavras. Este aspecto não foi tido em conta por Barbosa que, na senda da tradição gramatical que o precede, dá mais importância à origem preposicional dos prefixos que ao estatuto funcional destes, por oposição ao das preposições.

Original é a reflexão que aduz sobre o número de preposições da língua. Relativamente ao número de preposições em língua portuguesa apresenta uma visão crítica face à classificação feita por outros autores, como se observa nas seguintes palavras:

«Nossos Grammaticos contão na Lingua Portuguesa até quarenta preposições [...]. A palavra *cerca*, que João de Barros conta como preposição, e *Fóra, Póz, Traz*, de que também usam nossos escriptores, são as mesmas que *acerca, afora, apoz, atraz*. De todas estas quarenta palavras so dezeseis são preposições sem duvida alguma, a saber: *a, ante, apoz, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, por, sem, sob, sobre*. As mais todas ou são nomes, ou advérbios, e como taes devem ser tiradas da posse injusta, em que as puzerão nossos Grammaticos» (BARBOSA, 1822, p.314).

O quadro seguinte resume o pensamento do autor.

Tabela 5. Verdadeiras e falsas preposições (Barbosa 1822)

«Nossos Grammaticos contão na Lingua Portuguesa até 40 preposições»	Só 16 são verdadeiras preposições
<i>a, abaixo, ácerca, acima, afora, além, ante, antes, apoz, áquem, arroda, aoredor, até, atraz, com, contra, conforme, de, debaixo, decima, defronte, detraz, dentro, depois, diante, desde, em, entre, excepto, juncto, longe, perto, para, per; perante, por, segundo, sem, sob, e sobre.</i>	<i>a, ante, apoz, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, por, sem, sob, sobre.</i>

Das 16 preposições que considera existirem no português, Barbosa seleciona apenas 6 para exemplificar a composição por prefixação. Acrescenta o prefixo tras- (traspé), que não consta da lista das preposições elencada pelo próprio.

Tabela 6. Preposições presentes em compostos por prefixação (Barbosa, 1822)

Preposição	Exemplos de compostos por prefixação	Preposição	Exemplos de compostos por prefixação
a	-	em	-
ante	<i>antemanhã</i>	entre	<i>entrecasco</i>
apoz	-	para	<i>parabem, parapeito</i>
até	-	per	-
com	-	por	-
contra	<i>contramestre, contratempo</i>	sem	<i>semrazão</i>
de	-	sob	-
desde	-	sobre	<i>sobresalto</i>

Como se observa pelos dados acima, para este autor os prefixos operam no âmbito da composição. Em todos os demais casos, estão em jogo duas unidades lexicais ‘maiores’, como N, A ou V, por exemplo. Uma perspectiva deste tipo de alguma forma prenuncia a que presentemente é defendida por alguns especialistas, segundo a qual as preposições também são classes nucleares ‘maiores’.

1.2. Composição por prefixação e composição multipalavras em Vasconceloz (1900)

Na sua Gramática Histórica da Língua Portuguêsa para VI e VII Classes do curso dos Liceus, António Garcia Ribeiro de Vasconceloz distingue (i) «composição imperfeita ou espúria» de (ii) «composição perfeita».

Por composição entende o autor o processo pelo qual se reúnem «duas ou mais palavras, embora de categorias diferentes, em ordem a formarem uma só palavra» (96).

Há palavras justapostas que não formam propriamente um composto.

Tabela 7. Condições de existência de um composto (A. G. R. de Vasconceloz 1900).

Um composto perfeito obedece a três quesitos (IDEM, ibidem, p. 97).
 (i) o todo acha-se subordinado a um acento principal
 (ii) o todo flexiona-se como uma só palavra, mantendo-se inalterado o primeiro elemento
 (iii) o primeiro elemento tem significação diversa e mais determinada do que a do segundo elemento.

A não reunião destas três condições faz do composto um composto imperfeito ou espúrio.

A composição (verdadeira, não ‘espúria’) divide-se em (i) composição por prefixos e (ii) composição propriamente dita ou de palavras. Qualquer delas pode processar-se por via erudita ou por via popular (cf. quadro seguinte)

Tabela 8. Classes de compostos (VASCONCELLOZ 1900)

Composição (Popular/Erudita)	composição perfeita	Composição propriamente dita ou de palavras
		Composição por prefixos
	composição imperfeita ou espúria	

No quadro que se segue apresentam-se exemplos facultados pelo autor (respeitando a ortografia deste) para as diferentes subclasses de compostos.

Tabela 9. Classes de compostos e exemplos (VASCONCELLOZ 1900)

Classes de compostos	Compostos perfeitos	Compostos imperfeitos ou espúrios
NN	<i>rosa-chá</i>	<i>Bolo-rei, couve-flor</i>
NA	<i>aguardente, Montalegre, villa-nova</i>	<i>águia-real, amor-perfeito, pelle-vermelha</i>
AN	<i>preia-mar</i>	-
VN	<i>chucha-mel, papa-figos</i>	-
V Adv.	<i>benffallante, menosprezar</i>	-
Preposição/prefixo N	<i>entreabrir</i>	-
N prep N	-	<i>ave-do-paraiso, cabo-d’esquadra</i>

Concebendo a prefixação como uma subclasse da composição, importa agora observar quais os prefixos que, para Ribeiro de Vasconcelloz 1900, operam no âmbito da composição. Disso se ocupa o quadro seguinte.

Tabela 10. Prefixos que entram em compostos (VASCONCELLOZ, 1900)

Prefixos e sua significação	Exemplos (com grafia e hifenação do autor)
A- (significação própria)	Acercar, adeantar, afadigar, avizinhar Achatar, arredondar, agravar, aprovação
Ante- (situação anterior, prioridade de tempo)	Ante-sala, ante-pôr, antedata
Anti- (oposição)	Anti-philosophico, ant-scientifico
Circum- (em roda)	Circun-escrever, cirum-polar
Con- (concomitância)	Co-administrador, col-locar, com-patriota, con-tristar, cor-respondência
Contra- (oposição, situação fronteira)	Contra-muro, Contra-ordem, contro-vérsia
De- (ablação, negação, intensidade)	De-pennar, de-compor, de-lamber-se
Des- (separação ou ablação; negação)	Des-thronar, des-ventura
Em- (introdução, collocação, modo, mudança d'estado)	Em-bainhar, en-cabrestar, en-feitar, em-mudecer
Entre (situação média, reciprocidade, atenuação)	Entre-linha, entre-laçar, entre-abrir
Es-, ex- (exaurição, esforço, mudança d'estado)	Es-gotar, es-tirar, es-palmar, ex-cursionista
Extra- (fora de, alem de)	Extra-vasar, extra-judicial
In- (negação)	In-aptidão, impenitente, ir-realizável, il-legal, i-ignorância
Pre- (anterioridade, superioridade)	Pré-opinar, pré-domínio
Re- (repetição, reciprocidade, intensidade)	Re-admitir, re-saudar, re-queimar
Sobre- (posição superior, superioridade, excesso)	Sobre-casaca, sobre-humano, sobre-carregar
Soto- (posição inferior, inferioridade)	Soto-pôr, soto-mestre
Sub-, so- (posição inferior, inferioridade)	Sub-arrendar, sob-alçar, so-braçar, so-negar
Trans, trás, três (além de, através de)	Trás-parecer, trás-passar, três-noitado
Ultra- (além de, excesso)	Ultrapassar, ultra-liberal

Na secção seguinte (cf. tabela 11) listam-se, em colunas que facilitam a comparação, as 16 Preposições que podem funcionar como prefixos, para Barbosa 1822, os 24 prefixos que entram na composição em Vasconcelloz 1900, a que então se acrescem os 19 de Nunes 1919.

1.3. Composição por prefixação em duas gramáticas históricas: *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* de José Joaquim Nunes (1919) e *Pontos de Gramática Histórica* de Ismael de Lima Coutinho (1938)

1.3.1. Composição por prefixação no *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* de José Joaquim Nunes ([1919] 1989)

Para José Joaquim Nunes, na história da língua portuguesa destacam-se duas grandes vias de formação de palavras:

- (i) a formação *popular*, na qual inclui a derivação e a composição
- (ii) a formação *literária*, que engloba a composição latina e palavras de proveniência grega por derivação e por composição.

Os processos de formação são:

• a **derivação**, entendida como processo que permite atribuir um valor ou papel diferente a palavras já usadas na língua, ou acrescentar-lhe um elemento novo (por exemplo, um sufixo).

• a **composição**, definida como o processo através do qual «se reúnem duas ou mais palavras que, tendo tido antes vida própria e independente e possuído cada uma delas sua significação especial, vieram por fim a fundir-se por forma tal, que desta fusão resultou uma única, em geral com um só acento e sempre com uma ideia singular» (NUNES [1919] 1989:388).

A composição pode fazer-se

(i) por *justaposição* («[...] solda dois ou mais nomes por modo natural, sem quebra das leis que regem a língua, nem omissão de quaisquer partículas» (Nunes [1919] 1989, p.390.)

(ii) por *composição elíptica* («pela qual [...] cria uma palavra única, que engloba numa só as duas designações, com omissão da relação existente entre as duas substâncias» [Nunes [1919] 1989, p.391) e

(iii) por *prefixação*.

Os principais elementos com valor prefixal que J. J. Nunes aponta para a formação de substantivos, adjetivos e verbos são: *com, contra, de, des-, es-, em, entre, menos, pos-, per-, pre-, pro-, re-, so-, sobre, tras-, tres-*. No quadro seguinte estão assinalados a negrito os elementos com valor prefixal – pós e pró – não elencados pelos gramáticos anteriores.

Tabela 11. Prefixos que entram na composição (Barbosa 1822, Vasconcelloz 1900 e Nunes 1919): quadro comparativo.

Preposições [16] que podem funcionar como prefixos (Barbosa 1822)	Prefixos [24] que entram em compostos (Vasconcelloz 1900)	Elementos [19] com valor prefixal (Nunes 1919)
A	A-	A
ANTE	ANTE-	ANTE
-	ANTI-	-
-	BEM	BEM
-	CIRCUM-	-
APOZ	-	-
ATÉ	-	-
COM	CON-	COM
CONTRA	CONTRA	CONTRA
DE	DE-	DE
-	DES-	DES
DESDE	-	-
EM	EM-	EM
ENTRE	ENTRE-	ENTRE
-	ES- OU EX-	ES
-	EXTRA-	-
-	IN- OU I-	-
-	MENOS	MENOS
PARA	-	-
PER	-	PER
POR	-	-
-	-	POS
-	PRE-	PRE
-	-	PRO
-	RE-	RE
SEM	-	-
SOB	-	-
SOBRE	SOBRE	SOBRE
-	SOTO-	-
-	SUB-, SO-, SO-	-
-	TRANS, TRÁS, TRÊS	TRÁS, TRES
-	ULTRA-	-

1.3.2. Forma, origem, valor ([±expletivo]) e uso ([± separável]) dos prefixos em Ismael de Lima Coutinho (1938)

Ismael de Lima Coutinho, em *Pontos de Gramática Histórica*, inclui a prefixação no âmbito da composição, e não no da derivação.

Para Lima Coutinho a composição «é o processo de formação de palavras pela união de dois ou mais elementos vocabulares de significação própria, que se combinam para representar uma ideia única: *sobrenadar*; *amor-perfeito*, *fidalgo*» (COUTINHO 1938 [1958], p.188-189).

Nos compostos da língua portuguesa, regra geral o determinado (elemento principal) precede o determinante (elemento secundário), como em *papel-moeda* ou *couve-flor*. Fica por saber se também assim é entendido quando o composto se faz por prefixação.

Para além de recordar que na origem dos prefixos estão advérbios ou preposições, Ismael de L. Coutinho classifica-os quanto à sua (i) forma, (ii) valor — seria de especificar que se trata de valor semântico, (iii) uso (melhor seria (in)separabilidade) e (iv) origem. O quadro seguinte sintetiza os aspectos essenciais do pensamento do autor.

Tabela 12. Forma, origem, valor e uso dos prefixos (Coutinho, 1938)

Forma	Popular	a-linhar, em-pobrecer	Erudita	híper-sensível, ultra-moderno, super-excitado
Origem	Latina	ad-erir, bene-mérito	Grega	a-católico, sin-taxe, anti-doto.
Uso	Separável	Entre-casca, sobre-nadar, com-por	Inseparável	In-grato, re-integrar, dis-por.
Valor	Expletivo	a-mostrar, des-inquieto, en-curvar	Inexpletivo	o-por, bem-dizer, intro-duzir

A reflexão deste autor denota uma apurada consciência metalinguística para a época; todavia, teria sido conveniente separar as palavras eruditas das formadas em português, para que um leitor não considere que, por exemplo, *opor* ou *introduzir* (cf. quadro anterior) são palavras formadas por prefixação dentro da língua portuguesa.

1.4. Prefixação adverbial e preposicional em Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1916)

Nas *Lições de Filologia Portuguesa*, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, diferencia três classes de processos de formação de palavras:

(i) sufixação (cf. «junção de *sufixos* a temas, palavras primitivas, ou a palavras já derivadas, de antemão existentes no tesouro da língua» (Vasconcelos, 1916, p. 41).

(ii) prefixação ou, nas suas palavras, «junção de prefixos» (ibidem)

(iii) composição (cf. «união de duas ou mais palavras em uma única» (ibidem), a que chama também justaposição ou fusão.

Para Carolina Michaëlis de Vasconcelos o estatuto da prefixação é híbrido, pois ocupa um lugar de fronteira entre a afixação e a composição. Atentemos nas lapidares palavras da autora:

«**A prefixação tem o seu lugar entre a sufixação e a composição.** Parece-se a certos respeito com uma, e a outros respeito com a outra. Parece-se com a composição por unir duas ou mais palavras independentes, afim (sic) de representar uma ideia nova. A independência das palavras que costumam servir de prefixos não é todavia absoluta. Maior e positiva nos advérbios (*bem, mal, não, mil*), e em adjectivos com funções de advérbios (*bom, mau, reduzido a má, gran, sant, recém*, etc.) ela é menor e quasi nula nas preposições» (VASCONCELOS 1916, p.86).

Das palavras de Carolina Michaëlis de Vasconcelos depreende-se que há lugar a uma escala de (in)dependência dos formantes morfolexicais do seguinte tipo:

Tabela 13. Escala de [±dependência] dos formantes morfolexicais à luz do pensamento de Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Independência total de cada palavra na composição	Maior independência		Independência quase nula
	nos prefixos de origem adverbial	em adjectivos com função de advérbio	
duas ou mais palavras independentes	<i>bem, mal, não, mil</i>	<i>bom, mau, reduzido a má, gran, sant, recém</i>	Prefixos com origem preposicional

Ao proceder à enumeração e explicação dos elementos com valor prefixal, Carolina Michaëlis de Vasconcelos (cf. quadro seguinte) recorre à comparação com a língua latina, ora para registar casos de marcação erudita e/ou literária,

ora para assinalar exemplos de mera adaptação ao português, ora para sugerir a inclusão de novos prefixos (*além, aquém, não, sem*), ora para evidenciar algumas inovações.

Tabela 14. Quadro de prefixos segundo Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1916).

Prefixos	
preposicionais	adverbiais
A- (adeus, amimalhar, afugentar) Ante- (ante-câmara, ante-roso) Contra- (contra-veneno) De- (defamar, debulhar) Em- [<small><Lat. In</small>] (embuço, ensalmo, encadernar, embravecer) Entre- (entrelinhas, entrecosto) Por- (porvir, porcento, pormenor) Sobre- (sobremesa, sobretudo, sobreveste, sobrehumano) So- (socapa, socialco) Sota-, soto- (sotapiloto, sotamestre) Tras-, tra-, três- (tresler, tressuar) Ultra- (ultramar, ultra-ridículo)	Ante- (antepassado, antepor) Bem- (bem-aventurado) Bis- (bisneto, biscoito) Com- (combater, confiar, coexistir, co-herdeiro) Contra- (contra-ordem, contrafé, contrapor) Des- (deshora, desamparo, desgosto, desdizer, descrer) Entre- (entreaberto, entreter) Mal- (macriado, malferido, maltreito idem, p. 97) Menos- (menosprezo, menosprezar, menocabar) Re- (requerer, retribuir) Sobre- (sobrenome, sobreescrito, sobrecarregar, sobressair, sobrevir) So- (sorriso, socorro, sobraçar, sonegar) Vice- (visconde, vice-rei)
a acrescentar (VASCONCELOS, 1916, p.87)	além (além túmulo, além-mar) aquém (aquém-Douro, aquém-Tejo) não (não consoante, não cumprimento, não existência, não pagamento) sem (sem-fim, sem número, sem sal)
Prefixos numerais: ter, três, tre e tetra (VASCONCELOS, 1916, p.97)	
Prefixos que ocorrem em palavras entradas por via literária: ad- (admitir), inter- (interferir), per- (permutar), super-, supra-, sub- (subtratar), trans (transferir)	
Prefixos que ocorrem apenas em vocábulos eruditos: Anti, circum, extra, ob, obs, pro, per	

A comparação entre os prefixos latinos e os portugueses permite verificar que não houve perdas significativas da língua-mãe para a língua-alvo. O quadro seguinte visualiza tal realidade. Nele se sinalizam (cf. >>>>) os prefixos latinos que, segundo Carolina Michaëlis de Vasconcelos, foram descontinuados na língua portuguesa. Ø seguido de traço de eliminação (cf. *Infra*, *Foris*, *Θb*) significa perda de representatividade do prefixo, no entender da autora.

Após o quadro tecem-se algumas considerações sobre as condições de uso de alguns prefixos na época de Carolina Michaëlis de Vasconcelos e no português dos nossos dias.

Tabela 15. Quadro de prefixos em latim e em português do início do século XX (dados extraídos de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, 1916)

Latim: 30 prefixos (ibidem: 86)	Português (da época de Carolina M. de Vasconcelos)
ab	ab (apenas em lexias por via literária: <i>admitir</i>)
ad	ad-
Ante-	Ante-
Bene	Ben-
Bi, bis	Bi, bis
Circum-	Circum- (apenas em vocábulos eruditos)*
Contra-	Contra-
Cum	Com, co-
De-	De-
Dis	Dis
E, ex	E, ex
Foris >>>>>>	Ø Foris
In	In
Infra >>>>>>	Ø Infra
Inter	Inter (em lexias por via literária: <i>interferir</i>)*
Male	Male
Minus	Minus
Ne	Ne
Ob >>>>>>	Ø Ob (apenas em vocábulos eruditos)
Per	Per (apenas em lexias por via literária: <i>permutar</i>)
prae	Prae (apenas em vocábulos eruditos)
pro	pro- (apenas em vocábulos eruditos)
Post	Post
Re	Re
Retro >>>>>>	Ø Retro (obscurecido em <i>redemoninho</i> , <i>redopio</i>)
Sub	Sub
Super	Super
Trans, trás	Trans, trás (em lexias por via literária: <i>transferir</i>)
Tri, tris	Tri, tris
vice	vice

Porque há diferenças sensíveis entre o português do início do século XX, retratado por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, e o do sec. XXI, devem ser explicitados alguns esclarecimentos relativos aos prefixos acima elencados:

(1) *Circum-*: no português contemporâneo, ocorre não só em vocábulos eruditos, como se depreende da descrição de C. M. Vasconcelos, mas também em lexemas comuns (*circuncentro*, *circunfluir*, *circunfundir*, *circungirar*, *circunjazer*, *circunver*, *circunvoar*)

(2) *Infra-*: prefixo erudito, mas disponível no português contemporâneo e não apenas em vocábulos eruditos (*infra-assinado*, *infracomum*, *infraescava-*

ção, *infra-hepático, infra-homem, infrajurássico, inframedioce, infraoitava, infrarrenal, infravermelho, infravioleta*)

(3) *Prae-*: deveria ter sido esclarecido que apenas está presente em vocábulos eruditos (*preclaro*)

(4) *Pro-*: ‘a favor de’: muito disponível no português contemporâneo, praticamente de modo irrestrito

(5) *Retro-*: actuante no português contemporâneo (*retroagir, retroalimentação, retrocarga, retro-datar, retro-foguete, retro-operar, retro-ovário, retro-pedalar, retro-projeção*)

2. A prefixação como subclasse da derivação: Manuel Said Ali (1931)

Said Ali distingue derivação de composição e, de forma inovadora no século XX, inclui a prefixação e sufixação na derivação.

A composição é encarada como o processo de «criar palavras novas combinando vocábulos já existentes» (Ali [1931] 1971: 229). Critica os autores que incluem na composição as palavras portadoras de prefixos: sendo razoável admitir tal solução com prefixos que têm existência acompanhada, não seria possível fazê-lo com prefixos outrora chamados ‘inseparáveis’, como *dis-*, *re-*, *in-*.

A lista de prefixos é a seguinte, acompanhados de exemplos.

Tabela 17: Prefixos do Português (Said Ali 1931] 1971).

Derivação prefixal: prefixos	Exemplos
ante-	antevéspera, ante-sala
anti-	antimilitar, anti-social
bis-	bisavô, bisneto, bissexto
circum-	circunvizinho
cis-	cisalpino, cisplatina
con-, com-, co-	coirmão, coexistir
contra-	contratempo, contra-senso, contra-veneno
des-	desabrigo, desleal
entre-	Entrever, entretecer, entrecorrer
ex-, es-	esfriar, esquentar
in-, im-	ilegível, inábil, implantar
inter-	intervir, intermédio, interoceânico
pre-, pro-, per-	∅
re-	reatar, recomeçar
sobre-, super-, supra-	sobreposição, supranumerário
so-, sub-	sobraçar, soerguer, sorrir, sonegar, soterrar

soto-, sota-	soto-capitão, soto-pôr
suso-	susodito, susonomeado
trans-, tres	Transbordar, tresler, tresloucar, tresmudar, trespassar
vice-, viso-, vis-	vice-almirante, vice-rei

Relativamente ao processo de composição, «Chama-se palavra composta a toda combinação de vocábulos que serve de nome especial para certo género de seres, ou com que se exprime algum conceito novo, diferenciado do sentido primitivo dos elementos componentes» (Ali [1931] 1971, p. 258).

No quadro abaixo encontra-se uma sùmula das possibilidades arroladas pelo autor, respeitando a grafia da época.

Tabela 18. Classes de composição (ALI [1931] 1971)

Classes	Composição: combinações possíveis	exemplos
NN	Substantivo + substantivo	algodão-polvora, caixeiro-viajante, carro-dormitorio, couve-flor, fidalgoapr'endiz, papel-moeda, parede-mestra
N prep N	Substantivo + preposição + substantivo	Arma de fogo, estrada de ferro, homem de estado, mestre de cerimonias, mestre de obras, menina dos olhos, pai de familia, pe-de-gallinha, pe-de-cabra
NA	Substantivo + adjetivo	amor proprio, aguas furtadas, arma branca, cabra-cega, Idade-Media, mãos-rotas, obra prima, sangue frio
AN	Adjetivo + substantivo	alto-forno, baixa-mar, bellas-artes, livre-pensador, meia-idade, meia-noite, meio-dia, preia-mar
AA	Adjetivo + adjetivo	azul marinho, claro-escuro, anglo-saxonio, heroico-comico, luso-brasileiro, surdo-mudo, verde escuro
Pron N	Pronome + substantivo	Nosso Senhor, Nossa Senhora, Sua Santidade, Vossa Alteza, Vossa Paternidade, Vossa Senhoria
Num N	Numeral + substantivo	bisavô, bisneto, trigemeo, tres-folhas, mil-homens, segunda-feira, terca-feira
Adv. V	Com os advérbios <i>mal</i> e <i>bem</i>	bem-afortunado, bem-criado, bendizer, bemquerença, bem-intencionado, mal-andante, mal-aventurado, malcriado, mal-intencionado, maldizer, malfeitor, mal-soante, maltratar, mal-sofrido

VN	Combinações de verbo + substantivo	bate-folhas, bate-estacas, beija-flor, busca-pe, desmancha-prazeres, espanta-ratos, furta-fogo, fura-bolos, fura-paredes, ganhapão, guarda-roupa, lava-pes, lava-pratos, limpa-trilhos, manda-chuva, mata-cavalo, mata-mouros, passatempo, pinta-monos, quebra-nozes, quebra-cabeça, quebra-mar, saca-rolhas, tiradentes, tira-teimas, trinca-nozes, trocatintas
VV	Verbo+verbo	corre-corre, ganha-perde, vaivém

Pode dizer-se que com este autor se inicia um novo paradigma de abordagem da prefixação. Curiosamente, e segundo Ali, essa era a perspectiva dos neogramáticos, que ele secunda, como as suas palavras testemunham: «A divisão derivação suffixal e prefixal que aqui fazemos e adoptamos [...] coincide com a maneira de ver de Meyer-Lübke, Nyrop e outros modernos linguistas, contrariando portanto aqueles que excluíam ou excluem do conceito de derivação os prefixos e todas as palavras formadas com prefixos» (ALI, 1931, p. 292). Doravante a prefixação, tal como a sufixação, figuram mais recorrentemente como subclasses da derivação.

3. A prefixação nas gramáticas brasileiras e portuguesas contemporâneas.

Antes de explicitarmos o modo como é tratada a prefixação nas gramáticas brasileiras e portuguesas contemporâneas, importa fazer um balanço do legado de que dispomos por parte da gramaticografia sobre língua portuguesa.

O quadro seguinte reúne a reflexão dos gramáticos antes estudados. Nele se observa, a par com um intervalo numérico de prefixos não muito alargado – entre 16 e 24 –, uma significativa dispersão qualitativa dos prefixos considerados, fruto dos fundamentos que presidem a cada uma das abordagens. Por exemplo, *após* só figura em Barbosa 1822, pois este elenca as preposições que podem funcionar como prefixos. Os autores de formação mais historicista não repartem por classes separadas as variantes erudita e popular (cf. *sobre-*, *super-*, *supra-*), o que nós respeitámos, nos quadros traçados; mas hoje em dia, atendendo ao seu diferente funcionamento (RIO-TORTO, no prelo), teríamos de operar com três classes distintas de operadores prefixais.

Segue-se o quadro comparativo.

Tabela 19. Quadro comparativo dos prefixos em Barbosa 1822, Vasconcelloz 1900, Nunes 1919, C. Michaëlis de Vasconcelos s/d (1916) e Manuel Said Ali (1931)

Preposições[16] que podem funci-onar como prefí-xos (Barbosa 1822)	Prefixos [24] que entram em compos-tos (Vasconcelloz 1900)	Elementos [19] com valor prefixal (Nunes 1919)	Prefixos[23] (C. Michaëlis de Vasconcelos 1916)	Prefixos [21] Manuel Said Ali ([1931] 1971)
a	A-	a	ad-	-
ante	Ante-	ante	Ante-	Ante
-	Anti-	-	-	Anti
-	-	bem	Ben-	-
			Bi, bis	bis-
-	Circum-	-	Circum-	circum-
apoz	-	-	-	-
até	-	-	-	-
-	-	-	-	Cis-
com	Con-	Com	Com, co-	con-, com-, co-
contra	Contra	contra	Contra-	contra-
de	De-	de	De-	
-	Des-	des	-	des-
desde	-	-	-	-
-	-	-	Dis	-
Em	Em-	em	-	-
entre	Entre-	entre	-	entre-
-	Es- ou ex-	es	E, ex	ex- (es-)
-	Extra-	-	-	-
-	In- ou i-	-	In	in-, im-
-	-	-	Inter	inter-
-	-	-	Male	-
-	-	menos	Minus	-
para	-	-	-	-
per	-	per	Per	per-
por	-	-	-	-
-	-	pos	Post	-
-	Pre-	pre		pre-
-	-	pro	pro-	pro-
-	Re-	re	Re	re-
sem	-	-	-	-
sob	-	-	-	-
sobre	Sobre	sobre	Super	sobre-, su- per-, supra-
-	Soto-	-	-	soto-, sota-
-	Sub-, so-, so-	-	Sub	so-, sub-
-	Trans, trás, três	Trás, tres	Trans, trás	-
			Tri, tris	-
			vice	-

Um conjunto de operadores que desde sempre suscitou e continua a suscitar grande controvérsia é o que envolve *bem*, *mal*, *menos*, *sem* e *não*. O quadro seguinte ilustra o modo como têm sido encarados.

Tabela 20. *Bem, mal, menos, sem, não* na gramaticografia sobre língua portuguesa.

Prefixação					Composição
	Barbosa 1822	Vasconcelloz 1900	Nunes 1919	C. Michaëlis Vasconcelos 1916	Said Ali ([1931] 1971)
<i>bem</i>	-	bem	bem	bem	bem
<i>mal</i>	mal	mal	-	mal	mal
<i>menos</i>	-	menos	menos	menos	∅
<i>sem</i>	sem	-	-	sem	∅
<i>não</i>	-	-	-	não	∅

Como se observa no quadro acima, apenas Carolina Michaëlis de Vasconcelos considera todos os operadores em apreço como prefixos, havendo oscilação nos demais autores quanto ao seu tratamento. Em coerência com a separação entre prefixação e composição, em Said Ali (1931) *bem* e *mal* inscrevem-se na composição, e *menos*, *sem*, *não* não constam do universo de prefixos.

No seu Glossário de “Unidades Lexicais Neológicas de caráter prefixal”, Alves (2000) considera como prefixos as quarenta e duas unidades presentes no quadro seguinte, e nelas se incluem *mal*, *não*, *sem*, mas nele não constam *bem* e *menos*.

Tabela 21. Quadro de prefixos em ALVES, 2000

(1) A-	(10) In	(19) Micro-	(28) Pré-	(37) Sub-
(2) Além-	(11) Infra-	(20) Mini	(29) Pró-	(38) Super
(3) Ante-	(12) Inter	(21) Mono	(30) Quase-	(39) Supra-
(4) Anti-	(13) Intra-	(22) Multi	(31) Re-	(40) Trans-
(5) Após-	(14) Macro	(23) Não-	(32) Recém	(41) Ultra-
(6) Arqui-	(15) Mal-	(24) Para-	(33) Retro	(42) Uni-
(7) Co-	(16) Máxi-	(25) Pluri-	(34) Sem-	
(8) Extra-	(17) Mega	(26) Poli-	(35) Semi-	
(9) Hiper	(18) Meta-	(27) Pós-	(36) Sobre-	

Também na *Gramática derivacional do Português* (2013), de RIO-TORTO et al., *não* e *sem* não figuram como prefixos, e as estruturas adverbiais *bem* e *mal* são consideradas como estando mais próximas dos compostos, em virtude da sua autonomia sintática.

Se compararmos o universo de prefixos e de não prefixos nas gramáticas de CUNHA; CINTRA (1984) e de BECHARA (2004), constatamos convergência de posições relativamente a muitos prefixos, e divergência relativamente a um conjunto menos numeroso de prefixos (linha de baixo do quadro seguinte). Reproduzem-se aqui as configurações que os autores usam, mesmo que nos seus étimos ou variantes erudito/as.

Tabela 22. Constituintes prefixais e não prefixais em Cunha/Cintra (1984) e em Bechara (2004)

Prefixo	Cunha; Cintra 1984; Bechara 2004	
	<i>a(b)-, ad-, ante-, circum-, cis-, cum-, contra-, de-, des-, dis-, di(s)-, ex-, es-, e-, em-, in-, extra-, in- (negação), inter-, entre-, intro-, intra-, ob-, per-, pos-, pro-, re-, retro-, sobre-, soto-, sota-, trans-, tras-, tres-, ultra-, vice-, vis-</i>	
	Cunha; Cintra 1984 <i>justa-, super-, supra-</i>	Bechara 2004 : <i>ambi-, bene-, bem-, bis-, centum-, decem-, infra-, pluri-, praeter-, primu-, pre-, satis-, semi-, so-, sob-, sub-, tris-, tri-, tress-, un-</i>

Também para estes gramáticos *bem, mal, não* e *sem* não figuram como prefixos.

À luz do Acordo Ortográfico de 1990 (cf. BASE XV), *bem, mal, não* e *sem* são considerados como fazendo parte de compostos. O quadro seguinte sintetiza o exposto relativamente aos estudos mais recentes sobre os casos mais problemáticos.

Tabela 23. *Bem, mal, menos, sem, não*: na composição e na prefixação (séculos XX e XXI)

	Prefixação		Composição	
	Michaëlis Vasconcelos 1916	Alves 2000	Said Ali ([1931] 1971)	Acordo Ortográfico 1990
<i>bem</i>	bem	ø	bem	bem
<i>mal</i>	mal	mal	mal	mal
<i>menos</i>	menos	ø	ø	ø
<i>sem</i>	sem	sem	ø	sem
<i>não</i>	não	não	ø	não

Como se observa por este quadro, e pelos demais antes apresentados, não obstante o avanço alcançado no tratamento de prefixação e de composição em português, subsistem ainda divergências no tratamento de unidades morfolexicais.

4. Considerações finais

A reflexão empreendida revela de forma lapidar que o modo como são encaradas as unidades morfolexicais que hoje denominamos de prefixais varia em função das concepções teóricas da época em que se situam, constituindo ainda hoje em dia um campo de fértil interpelação.

Durante largos séculos os prefixos foram encarados na sua relação com as preposições que estão na sua origem: a língua portuguesa era olhada por comparação com a língua latina, e por consequência aquilo que hoje denominamos de prefixos são vistos como ‘preposições que funcionam como prefixos’. Este estado de coisas é bastante saliente até à época de Barbosa 1822, que identifica dezasseis preposições que, em seu entender, podem operar como prefixos (*a, ante, apoz, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, por, sem sob, sobre*), e também em Nunes 1919, que delimita dezanove formantes com valor prefixal (*a, ante, bem, com, contra, de, des, em, entre, es, menos, per, pos, pré, pró, re, sobre, trás, tres*). Tal como estes estudiosos, também Vasconcellos 1900 inclui os prefixos (*a, ante, anti, bem, circum, com, contra, de, des, em, entre, es/ex, extra, in/i, menos, pre, re, sobre, soto, sub/so, trans/trás/três, ultra*) no âmbito a composição.

C. Michaëlis de Vasconcelos s/d (1916) inaugura uma nova forma de encarar a prefixação, considerando-a a meio caminho entre a sufixação e a composição. Esta estudiosa identifica os prefixos do português, estabelecendo simultaneamente o contraste comparativo com os do latim, e ainda diferencia os prefixos com origem preposicional, com uma independência quase nula, dos prefixos de origem adverbial (*bem, mal, não, mil*), com maior independência. Os compostos são formados com duas ou mais palavras independentes. Ademais, a autora identifica prefixos (*além, aquém, não, sem*) que devem ser acrescentados aos antes considerados, e bem assim a classe dos prefixos numerais. Os prefixos entrados por via literária e erudita configuram classes separadas dos demais.

Pela primeira vez, de forma inequívoca, o critério da autonomia das unidades, conjugado com o da sua origem funcional, assume-se como definitivo das duas grandes classes de formantes: a dos prefixos que, como os demais afixos, são unidades presas, e a das unidades livres que operam no âmbito da composição.

Said Ali distingue derivação de composição e, de forma inovadora no século XX, inclui a prefixação e a sufixação no seio da derivação. O conjunto de prefixos que delimita não é muito diverso do de Michaëlis de Vasconcelos, mas pela primeira vez, ao que cremos, a prefixação é inequivocamente considerada

como subclasse de derivação. Assim será também o entendimento de Cunha/Cintra (1984), de Bechara (2004) e de Rio-Torto (2013, 2014).

Mais recentemente, Alves (2000) amplia o universo de prefixos para 42, quase duplicando o volume de prefixos face aos de 24 de Vasconcellos 1900, aos 23 de Michaëlis Vasconcelos 1916 e aos 21 de Said Ali ([1931] 1971. Por certo, na base dessa ampliação está a grande regularidade e amplitude combinatória dos formantes, parâmetros que são presentemente decisivos para cunhar um formante como afixal (cf. Rio-Torto 2013: cap. 6, 2014 e no prelo).

Com exceção de *bem*, *mal*, *menos*, *sem* e *não*, a que nos referiremos abaixo, os prefixos fixados pela tradição gramatical respondem positivamente aos critérios elencados por Rio-Torto (2013: 329-348) para diferenciar formantes prefixais de formantes de composição, critérios que aqui se explicitam:

- (i) Prefixos: combinatória pluricategorial;
- (ii) Prefixos: não especificação categorial;
- (iii) os prefixos ocupam posição fixa
- (iv) os prefixos não funcionam como núcleos lexicais ou categoriais dos produtos em que ocorrem
- (v) os prefixos não têm capacidade denominativa, e por isso funcionam essencialmente como modificadores das unidades lexicais a que se acoplam;
- (vi) os prefixos não ocorrem como palavras independentes, pelo que não são especificáveis quanto ao género e não flexionam em número e em género
- (vii) os prefixos não alteram a classe lexical da base a que se juntam

Cumpra agora fazer referência a *bem*, *mal*, *menos*, *sem*, *não*, pois trata-se de formantes que ainda hoje não são objecto de tratamento consensual (cf. tabela 20). Apenas Michaëlis de Vasconcelos 1916 os encara como prefixos, mas Sai Ali ([1931] 1971) integra *bem* e *mal* no âmbito das composição. Além destes dois, o Acordo ortográfico 1990 considera também *sem* e *não* como formantes de compostos. Já para Alves (2000) *mal*, *sem* e *não* são prefixos, pelo que se deduzirá que *bem* e *menos* entrem na composição.

De acordo com a escalaridade proposta por Rio-Torto (2013, 2014), *bem* e *mal* não configuram uma classe prototípica de prefixos, pelo facto de se combinarem essencialmente com bases adjetivais (*bem aventurado*, *bem humorado*, *malcriado*, *mal humorado*), sendo residuais as nominais e as verbais. Também *sem* não é encarado como um prefixo, pois combina-se apenas com nomes para formar nomes sistematicamente exocêntricos (*sem abrigo*, *sem casa*, *sem salário*, *sem terra*). Já não tem um estatuto prefixal mais prototípico, há muito sinalizado por Correia 1992.

Dos critérios atualmente usados para delimitar os formantes prefixais dos de composição importa ainda ter em conta (i) a paradigmaticidade e a gramaticalização acrescidas, que se traduzem pela integração do formante num paradigma e pelo seu funcionamento crescentemente regular; (ii) a perda de propriedades fonológicas (erosão fonológica, mudança (supra)segmental) e/ou semânticas (extensão/redução de sentido, por exemplo).

Tendo em conta estes critérios, diremos que os advérbios *bem* e *mal* desde cedo começaram a sofrer alguma erosão fonológica (cf. *bendito*, *bendizer*; *benffallante*, *bemquerença*), mas não são presentemente dos mais produtivos (cf. RIO-TORTO, no prelo). O advérbio *menos* também não é dotado de representatividade suficiente para ser considerado como produtivo na formação de novas palavras. Já o advérbio *não* e a preposição *sem* são marcados por uma enorme regularidade e produtividade, estando num estado perfeitamente consolidado de gramaticalização (Heine, B.; Claudi, U.; Hünemeyer, F., 1991). Por essa razão têm sido amplamente considerados como constituintes prefixais. No caso de *não* a sua policategorialidade é bem maior que a de *sem*, mas fica por dirimir se o facto de *sem* só formar nomes exocêntricos pode ser encarado como critério mais relevante que a sua grande produtividade, regularidade e gramaticalização.

Por isso as soluções aventadas não são definitivas, devendo acompanhar a mudança da língua: a circunstância de alguns destes constituintes virem a alargar o seu espectro de atuação e tornarem mais produtivo o seu uso pode conduzir a uma sua total gramaticalização e, nesse caso, estão criadas algumas das condições para que sejam integrados no conjunto dos prefixos.

Estudos mais acurados, quer de natureza teórica, quer aplicados ao Léxico do Português, hão-de fundamentar, com critérios tão objetivos quanto possível, a caracterização dos casos de fronteira que subsistem no limiar da prefixação e da composição.

Referências

- ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA — 1990 (consulta em 21.02.2015) disponível em <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php?acordo&version=1990>
- ALI, Manuel de Said. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos [1931], 1964.
- ALVES, Ieda. *Um estudo sobre a neologia lexical: os microsistemas prefixais do português contemporâneo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de Livre Docência, 2000.
- BARBOSA, Jeronimo S. *Gramática filosófica da língua portuguesa*. 8 ed. Edição Anastática, Comentário e Notas Críticas de Amadeu Torres, 2005 [1822].
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna. 2004.
- CAETANO, Maria do Céu. *A formação de palavras em gramáticas históricas do português: análise de algumas correlações sufixais..* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Dissertação de doutoramento, 2003, 483p.
- CORREIA, Margarita. O comportamento prefixal de não. *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filología Románicas*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, vol. 2, 1992, p. 347-356.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- CUNHA, C.; CINTRA, L.F. *Nova gramática do português contemporâneo*. 10 ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa. 1984.
- FÁBREGAS, A; SCALISE, S. Morphology. *From data to theories*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012.
- GONÇALVES, Carlos. Composição e derivação: pólos prototípicos de um continuum? *Domínios de Linguagem*, vol.5, n. 2, 2011, p. 62-89.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1991.
- LIEBER, R.; ŠTEKAUER, P. *The Oxford handbook of compounding*. Oxford: OUP, 2009.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa (Fonética e Morfologia)*. 9 ed. Lisboa: Clássica Editora, 1989 [1919].
- NUNES, Susana da Costa. *Prefixação de origem preposicional na língua portuguesa*. Coimbra: Universidade de Coimbra, dissertação de doutoramento em linguística Portuguesa, 2011, 343p.

- RIO-TORTO, Graça. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora, 1998.
- RIO-TORTO, Graça. Prefixação. In Graça Rio-Torto et al. *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 339-385.
- RIO-TORTO, Graça. Prefixação e composição: fronteiras de um contínuo. Verba v. 41 *Anuario Galego de Filoloxía* (USP), 2014, p. 103-121.
- RIO-TORTO, Graça. *A prefixação no português contemporâneo*. São Paulo: (no prelo).
- RIO-TORTO, G.; Ribeiro, S. Portuguese Compounds. *Probus* 24, 2012, p.119-145.
- RIO-TORTO, Graça (ed.). *Gramática derivacional do Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- VASCONCELLOZ, António Garcia Ribeiro de. *Gramática histórica da língua portuguesa* (VI e VII Classes do Curso dos Lyceus). Paris/Lisboa: Aillaud/Alves; Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Francisco Alves, 1990.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de filologia portuguesa*, segundo as prelações feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13. (Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico). Lisboa: Edição da Revista de Portugal / Dinalivro, 1916.

Recebido em 21 de fevereiro de 2015.

Aceito em 2 de abril de 2015.